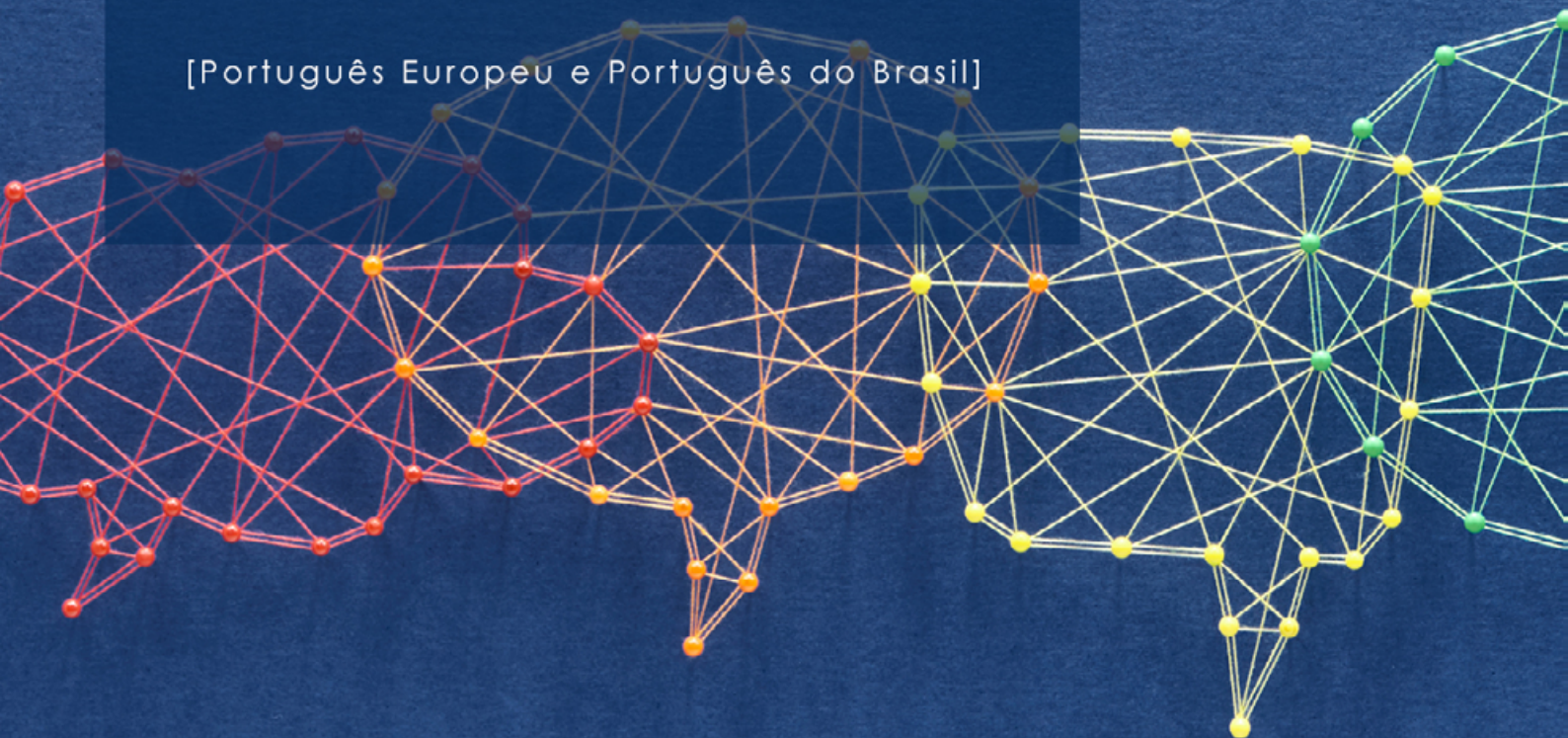


# LINGUAGEM- COGNIÇÃO- CULTURA:

Teorias, aplicações  
e diálogos com foco  
na Língua Portuguesa

[Português Europeu e Português do Brasil]



*A preparação do livro foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto **UIDB/03213/2020** – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa.*

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

  
**CLUNL**  
CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

 **NOVAFCSH**  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

TÍTULO

**LINGUAGEM – COGNIÇÃO – CULTURA:**

**Teorias, aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa  
(Português Europeu e Português do Brasil)**

COORDENAÇÃO

**Hanna Batoréo**

PRODUÇÃO

**Serviço de Produção Digital | Direção de Apoio ao Campus Virtual**

EDIÇÃO

**Universidade Aberta 2022**

COLEÇÃO

**CIÊNCIA E CULTURA, N.º 17**

ISBN

**978-972-674-922-6**

DOI

<https://doi.org/10.34627/uab.cc.17>

Este livro é editado sob a Creative Commons Licence, CC BY-NC-SA 4.0.  
De acordo com os seguintes termos:  
Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

# CORES, SIGNIFICADO LINGUÍSTICO E COGNIÇÃO: DAS IMAGENS MENTAIS E SINESTESIA À “SINTONÍMIA”<sup>1</sup>

**José Teixeira**  
**CEHUM**  
**Universidade do Minho**

## RESUMO

Perguntar se uma frase “tem” uma cor específica pode ser considerada uma questão um pouco tola. No entanto, os fenómenos de sinestesia mostram-nos associações inesperadas entre o significado e as cores. Assim, a partir de 843 inquéritos realizados em Portugal e Brasil sobre 9 provérbios não diretamente ligados a cor, tentámos perceber a maior ou menor arbitrariedade e aleatoriedade da associação entre cores e estruturas linguísticas de significado relativamente autónomo, como os provérbios. Tentou-se, desta forma, verificar até que ponto se pode encontrar alguma sistematicidade sinestésica no processamento linguístico-cognitivo de associação entre a cor e o significado. Os resultados mostram uma sistematicidade inesperada entre o valor que os falantes atribuem aos provérbios e às cores que os mesmos evocam. Os resultados e as últimas investigações sobre os fenómenos da sinestesia levam-nos a defender que, nestes e em similares processamentos linguísticos, frequentemente não há descontinuidade entre os processos metonímicos, metafóricos e sinestésicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** “sintonímia”, metonímia, metáfora, sinestesia, provérbios

## ABSTRACT

The question, whether a sentence “has” a specific color may be considered rather silly. Synesthesia phenomena, however, show us unexpected associations between linguistic meaning and colors. Hence, based on 843 surveys (conducted in Portugal and Brazil) on 9 proverbs (not causally related to color), we tried to understand the randomness (or lack thereof) of the association between colors and linguistic structures of relatively autonomous meaning such as proverbs. In this way, we tried to verify whether there is any synesthetic systematicity in the linguistic-cognitive process of color-meaning association. Results

---

<sup>1</sup> O texto aqui apresentado, embora bastante mais reduzido, mantém muitos pontos em comum com o texto: Categorização e conceitualização: Da metáfora/metonímia e sinestesia à ‘sintonímia’ (Teixeira (s.d.)). (em fase de publicação).

show an unexpected systematicity between the meaning of the proverbs and the colors they evoke to speakers. Our results and latest research on synesthesia phenomena lead us to argue that in these phenomena, and similar linguistic processes, there is no discontinuity between metonymic, metaphorical and synesthetic processes.

**KEYWORDS:** "synonymy", metonymy, metaphor, synesthesia, proverbs

## 1. IMAGENS MENTAIS, SINESTESIAS E CLUSTERS LINGUÍSTICO-COGNITIVOS DAS CORES

Um dos alicerces da semântica cognitiva reside no princípio de que o significado é corporizado (*embodied meaning*), no sentido de que não se pode separar da forma como percebemos o mundo e de como com ele interagimos (Lakoff, 1995; Lakoff & Johnson, 1999; Gibbs, 2003; Gibbs *et al.* 2004; Johnson, 2012). Tudo se centra (a este nível) na cognição e concetualização, na construção de *entidades cognitivas* resultantes das nossas perceções e da respetiva interação com todo o *feedback* cognitivo e de memória que o cérebro processa.

De vários pontos das ciências cognitivas aparecem contributos que solidificam a opinião de que, na construção dos conceitos que as palavras implicam, a cognição humana parte da transformação das experiências corporizadas em imagens mentais. Damásio (2010) descreve os resultados do funcionamento cerebral em mapeamentos do mundo que constroem *imagens* experienciadas, mapeamentos que não envolvem apenas perceções singulares e isoladas, mas conjuntos complexos:

(...) o cérebro mapeia o mundo ao seu redor e mapeia as suas próprias realizações. Esses mapas são experienciados como imagens nas nossas mentes, e o termo *imagem* não se refere apenas ao aspeto visual, mas a imagens originadas por qualquer sentido, como o auditivo, visceral, táctil e assim por diante. (Damásio, 2010, p.24)<sup>2</sup> (tradução nossa).

Cada um destes mapeamentos engloba múltiplos aspetos até à fase da constituição de "as imagens nas nossas mentes", como afirma Damásio:

---

<sup>2</sup> "(...) the brain maps the world around it and maps its own doings. Those maps are experienced as *images* in our minds, and the term *image* refers not just to the visual kind but to images of any sense origin such as auditory, visceral, tactile, and so forth" (Damasio, 2010, p.24).

Os padrões mapeados constituem o que nós, seres conscientes, conhecemos como visões, sons, toques, cheiros, gostos, dores, prazeres e afins – em resumo, imagens. As imagens nas nossas mentes são os mapas momentâneos do cérebro de tudo e de qualquer coisa, dentro do nosso corpo e ao seu redor, concretos e abstratos, reais ou previamente gravados na memória. As palavras que estou a usar para trazer estas ideias até si foram primeiro formadas, de maneira breve e superficial, como imagens auditivas, visuais ou somatossensoriais de fonemas e morfemas antes de as fixar na página na sua forma escrita. Do mesmo modo, as palavras escritas, agora impressas diante dos seus olhos, são primeiro processadas por si como imagens verbais (imagens visuais da linguagem escrita) antes da respetiva ação no cérebro acionar a evocação de outras imagens de tipo não-verbal. Os géneros não verbais de imagens são aqueles que nos ajudam a expor mentalmente os conceitos que correspondem às palavras. (Damásio, 2010, p.60)<sup>3</sup>. (Tradução nossa).

Este funcionamento linguístico-cognitivo implica que as palavras (porque intrinsecamente ligadas às imagens mentais e conceitualizações construídas) originem mapeamentos cognitivos a partir das perceções e respetivos correlacionamentos mentais. Assim, associar, numa imagem mental, uma cor ao valor de “agudo” ou um som ao valor de “escuro” é visto como decorrendo de perceções sinestésicas<sup>4</sup> ao nível pré-linguístico da organização conceitual. Parece evidente, portanto, que as sinestésias são tidas como o resultado de relacionamentos não primários e pouco “lógicos”.

Aceitando isto, parece ter de se aceitar também que o significado linguístico implica uma rede semântico-cognitiva complexa. Será, pela sua complexidade, mais do que uma simples imagem mental estática, certamente uma espécie de *cluster* que envolve (simplificando) a rede

---

<sup>3</sup> “The mapped patterns constitute what we, conscious creatures, have come to know as sights, sounds, touches, smells, tastes, pains, pleasures, and the like – in brief, images. The images in our minds are the brain’s momentary maps of everything and of anything, inside our body and around it, concrete as well as abstract, actual or previously recorded in memory. The words I am using to bring these ideas to you were first formed, however briefly and sketchily, as auditory, visual, or somatosensory images of phonemes and morphemes before I implemented them on the page in their written version. Likewise, the written words, now printed before your eyes, are first processed by you as *verbal* images (visual images of written language) before their action on the brain promotes the evocation of yet other images, of a *nonverbal* kind. The nonverbal kinds of images are those that help you display mentally the concepts that correspond to words.” (Damasio, 2010, p.60).

<sup>4</sup> Com efeito, parece que na maioria dos falantes acontece naturalmente a associação cognitiva relativa aos sons agudo-alto-luminoso-claro, por um lado, e grave-baixo-sem luz-escuro, por outro (Ward, 2006).

perceptivo-cognitiva de cada item (a *imagem* para Damásio, 2010), e a rede semântica com todas as conexões que estes mecanismos têm com aquilo que genericamente se chama memória.

O *cluster* linguístico-cognitivo das cores é, sem dúvida, muito importante no processamento semântico das línguas. Não se pode esquecer que, na arquitetura cerebral, a área da visão é a que é dotada de maior poder perceptivo e cognitivo. Os falantes e as línguas intuem isso. Não é por acaso que a etimologia nos mostra como, em várias línguas, as palavras que referem a visão também significam “compreender” e “saber”.

## **2. VALORES DOS CLUSTERS LINGUÍSTICO-COGNITIVOS DAS CORES**

O já referido conceito-alicerce de significado corporizado assenta muito na noção de “correlação experiencial” (Grady, 1997) que pretende retratar a forma como quotidianamente percebemos o mundo e mentalmente o organizamos. São as correlações experienciais que nos ajudam a perceber o porquê de o vermelho, cognitivamente, apresentar fortíssimas linhas de associações experiencialmente muito salientes, como, por exemplo, as de fogo e sangue (-fogo> calor> temperatura alta> emoção> amor> sedução> luta> conquista> perigo...; -sangue> vida> luta> conquista> matar> perigo> ações de risco> ações proibidas...).

As línguas naturais e as realizações artísticas demonstram à evidência estas associações. A Retórica tradicional tenta distinguir as que se efetivam por processos metafóricos das que funcionam por processos metonímicos. AMOR e FOGO podem estar associados metonimicamente (como em rigor acontece), mas também metaforicamente (como o faz toda a análise tradicional do célebre soneto camoniano *Amor é fogo que arde sem se ver*). O conceito cognitivo de metaftonímia baseia-se precisamente na ideia da gradatividade e implicação entre os dois fenómenos (Goossens, 1990; Barcelona, 2000; Silva, 2006; Teixeira, 2012, 2013).

No entanto, se metonímias e metáforas das cores têm uma larga tradição na descrição do funcionamento do significado linguístico, os fenómenos de sinestesia não têm sido entendidos como decorrendo do mesmo tipo de funcionamento. São, normalmente, vistos como fenómenos de “trocas cognitivas”. A metáfora e metonímia costumam ser

descritas como decorrendo de fenômenos de semelhança/associação entre domínios cognitivos, enquanto a sinestesia se entende baseada na troca /substituição de uma área perceptiva por outra. E se para a Retórica literária a sinestesia era apenas uma “figura da linguagem”, para a literatura da Psicologia tem sido entendida como a manifestação de distúrbios neurológicos, designando tais cérebros como “sinestetas”.

Nos últimos anos, no entanto, os fenômenos da sinestesia têm despertado um crescente interesse no domínio da Psicologia e da percepção. Há cada vez mais estudos que tentam fazer abordar estes fenômenos como fenômenos da cognição, globalmente considerada, e não apenas como fenômenos de desvio ou “exceção” cognitiva (Simner *et al.*, 2006; Yokoyama, 2014; Brang *et al.*, 2011; Goodhew & Kidd, 2017).

Um dos fenômenos mais estudados dentro da sinestesia é, precisamente, o das relações entre a representação linguística e as cores, normalmente a relação entre as letras e a evocação de cores que determinados falantes manifestam. Se para certos falantes cada letra tem uma cor específica, será que estes fenômenos de sinestesia nos podem ajudar a compreender, de uma forma mais vasta, a relação entre o acionamento das cores e a organização concetual/categorial no processamento do significado linguístico? No atual estado dos conhecimentos, as sinestias das cores aparecem, assim, como constituindo um campo privilegiado:

A percepção das cores é uma propriedade elementar do nosso sistema visual baseado na sensibilidade dos recetores a diferentes comprimentos de onda da luz. [...] Parece que a nossa capacidade de “simplesmente” discriminar diferentes comprimentos de onda da luz está no nosso sistema cognitivo e afetivo interconectado com muitos e variados conceitos, sentimentos, associações e memórias (Palmer & Schloss, 2010; Taylor *et al.*, 2013). No entanto, pouco se sabe atualmente sobre que regularidades existem ou não, e quais são os mecanismos subjacentes que explicam tais associações. Uma situação que reflete e aumenta a nossa compreensão da nossa capacidade para esses tipos



de associações entre domínios é a sinestesia. (Rouw *et al.*, 2014, p.1)<sup>5</sup>. (Tradução nossa).

### 3. METONÍMIAS, METÁFORAS E SINESTESIAS

Para tentar entrever um pouco a importância da componente “cor” na organização semântica dos enunciados linguísticos, podemos servir-nos dos dados colhidos em inquéritos de 9 provérbios no Português Europeu (PE) e no Português do Brasil (PB), que apontam, quanto a nós, para a defesa da perspectiva de que os fenómenos da metonímia, da metáfora e da sinestesia, mais do que fenómenos autónomos, são vertentes, nem sempre separáveis, no processo de construção da cognição e do significado.

Em trabalhos complementares a este<sup>6</sup>, apresentamos dados que demonstram que a ativação semântico-cognitiva das cores não é aleatória no processo linguístico, mesmo quando o enunciado não contém palavras/expressões que diretamente referem valores cromáticos. Tais dados resultam do já referido conjunto de inquéritos (843): em Portugal, 573 recolhidos e, no Brasil, 270. Era pedido a cada inquirido que indicasse a cor que prioritariamente lhe era sugerida por cada um dos 9 provérbios listados, globalmente idênticos para as duas variantes (a versão brasileira de alguns apresentava pequenas variações morfossintáticas):

1. (PE) *Quem com ferro mata com ferro morre.* (PB) *Quem com ferro fere, com ferro será ferido.*; 2. (PE) *Mais vale tarde do que nunca.* (PB) *Antes tarde do que nunca.*; 3. (PE e PB) *Quem tudo quer tudo perde.*; 4. (PE e PB) *Amor com amor se paga.*; 5. (PE) *O fruto proibido é o mais apetecido.* (PB) *O fruto proibido é mais gostoso.*; 6. (PE) *Só a morte é que não tem remédio.* (PB) *Há remédio para tudo, menos para a morte.*; 7. (PE) *Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.* (PB) *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.*; 8. (PE) *Filho de peixe sabe nadar.* (PB) *Filho de peixe peixinho é.*; 9. (PE e PB) *Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.*

---

<sup>5</sup> “Color perception is an elementary property of our visual system, based on the receptors’ sensitivity to different wavelengths of light. [...] It seems that our ability to “simply” discriminate different wavelengths of light is in our cognitive and affective system interconnected with many different concepts, feelings, associations, and memories (Palmer & Schloss, 2010; Taylor *et al.*, 2013). However, little is currently known about which regularities do or do not exist, and what are the underlying mechanisms explaining such associations. One condition that reflects and augments our understanding of our ability for these types of cross-domain associations is synesthesia” (Rouw *et al.*, 2014, p.1)

<sup>6</sup> Teixeira (2018a, 2018b, 2019a, 2019b; Teixeira (s.d.)

Tentámos compreender até que ponto nos cérebros ditos normais, designados por não sinestetas<sup>7</sup> nos estudos da Psicologia, há sistematicidade a ligações sinestésicas de cores ao significado linguístico. Os 9 provérbios utilizados não tinham, como se pode verificar, palavras diretamente referentes a cores<sup>8</sup>.

Os resultados comprovaram a identidade da paleta de cores de cada provérbio, provando que as cores não são acionadas aleatoriamente, mas que tal acionamento resulta de associações semânticas e cognitivas que os falantes desencadeiam.

Esta coincidência nos resultados, verificável em todos os 9 provérbios, comprova a não aleatoriedade da evocação das cores, ou seja, que o processamento semântico comporta "disparos" sistemáticos, bastante coincidentes entre os falantes, para a área cognitiva das cores, mesmo quando o referente não as implica diretamente.

Parece-nos evidente que se pode concluir que as cores acionadas por uma frase (provérbio) não o são aleatoriamente, mas que resultam de associações cognitivas e semânticas que os falantes constroem<sup>9</sup>.

Num outro trabalho<sup>10</sup> apresentámos os valores/traços principais das redes semântico-cognitivas de cada cor que explicam os resultados obtidos com os 9 provérbios do inquérito. Cada *cluster*, embora relativamente simples (o vermelho é o mais complexo), consegue explicar bastante satisfatoriamente a sistematicidade do respetivo acionamento em cada um dos provérbios. No entanto, as relações que ligam o(s) significado(s) de cada provérbio às cores evocadas não são apenas de um tipo. Não basta dizer "o vermelho no provérbio X ou Y é evocado pelo valor Z", há que tentar perceber que mecanismo(s) cognitivo(s) permite(m) as evocações.

---

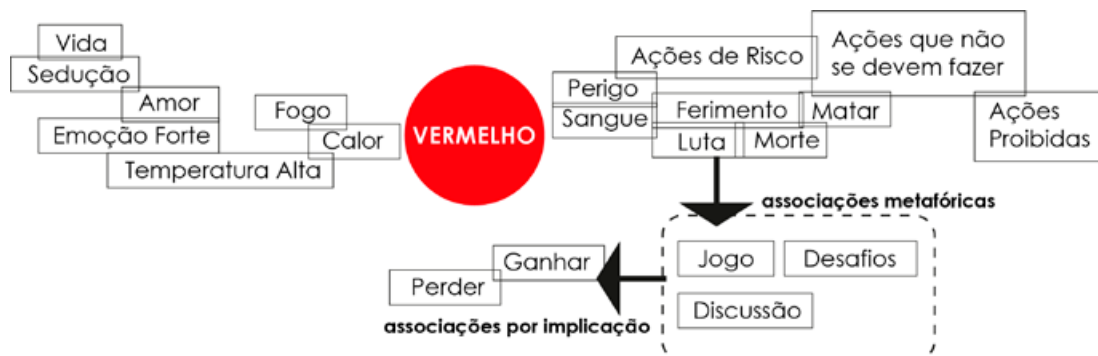
<sup>7</sup> Barnett *et al.* (2009); Beeli *et al.* (2007); Rich *et al.* (2005); Simmons *et al.* (2007); Simner *et al.* (2005); Simner *et al.* (2006); Yokoyama *et al.* (2014); Teixeira (2018a, 2018b); Teixeira, (2019a, 2019b); Teixeira, (s.d.).

<sup>8</sup> Para testar a não aleatoriedade dos resultados, dividimos os inquéritos do PE em dois grupos: um com os primeiros 300 inquéritos recebidos (Grupo 1) e outro com os restantes 273 (Grupo 2). Os resultados comprovaram "coincidências" muitíssimo significativas, não apenas em alguns dos provérbios, mas em todos eles. E não foi só entre os dois grupos do PE (Português Europeu), mas também entre estes e o grupo do PB (Português Brasileiro). Para cada provérbio, as cores mais acionadas, em cada grupo de inquiridos, foram globalmente dominantes também, nos outros grupos, para o mesmo provérbio. Com as cores secundariamente indicadas, aconteceu o mesmo.

<sup>9</sup> Cf. Teixeira (2018b).

<sup>10</sup> Cf. Teixeira (2019a).

Vejamos, por exemplo, os valores que se podem associar ao vermelho. A relação desta cor com o sangue é experiencial e cognitivamente evidente. Desta associação metonímica mais imediata se seguem outras, que a Figura 1 sumariamente esquematiza.



**Figura 1.** Cluster explicativo dos valores de vermelho nos 9 provérbios

A partir desta implicação VERMELHO-SANGUE, cognitivamente muito saliente, forma-se, assim, um grupo de associações metonímicas das quais se podem destacar, por encadeamento: VERMELHO>SANGUE>FERIMENTO>LUTA>MORTE; SANGUE>FERIMENTO>PERIGO>AÇÕES DE RISCO>AÇÕES PROIBIDAS.

Uma outra associação metonímica muito saliente para o vermelho é com calor e temperaturas altas: associamos o fogo ao vermelho<sup>11</sup>; percebemos que ficamos vermelhos (sobretudo as pessoas de pele clara) quando nos sentimos com temperatura mais alta. Constroem-se, assim, as equivalências metonímicas VERMELHO>CALOR>FOGO>TEMPERATURA ALTA.

Por sua vez, as percepções das emoções também são associadas metonimicamente às de temperatura<sup>12</sup>, construindo outras associações metonímicas:

TEMPERATURA ALTA>EMOÇÃO FORTE>AMOR>SEDUÇÃO.

Como é compreensível, nem só de associações metonímicas se constitui o *cluster* linguístico-cognitivo de uma cor como o vermelho. Por exemplo, o domínio LUTA facilmente aciona, por relações metafóricas, os

<sup>11</sup> Na realidade, as imagens de fogo não possuem maioritariamente a cor vermelha. Faça-se a experiência e procure-se em imagens Google "fogo": as imagens reais de fogo são compostas maioritariamente por amarelos e castanhos-alaranjados. A cor vermelha, praticamente, não é necessária para "pintar" o fogo.

<sup>12</sup> As expressões linguísticas das emoções evidenciam a associação emoção-temperatura alta: *ser uma pessoa fria*; *atitudes frias*=não ter/mostrar emoções; *o calor da discussão*=a emoção da discussão em ponto alto; *alguém ferver em pouca água*= exaltar-se emotivamente com assuntos pouco importantes.

domínios JOGO-DISSCUSSÃO-DESAFIOS; metáforas como JOGO É LUTA<sup>13</sup> e DISCUSSÃO É LUTA são sobejamente conhecidas e referidas desde o célebre *Metaphors We Live By* (Lakoff & Johnson, 1980). Não é difícil de perceber que estes últimos domínios, metaforicamente acionados, evoquem relações de implicação com outros, como GANHAR e PERDER (Figura 1).

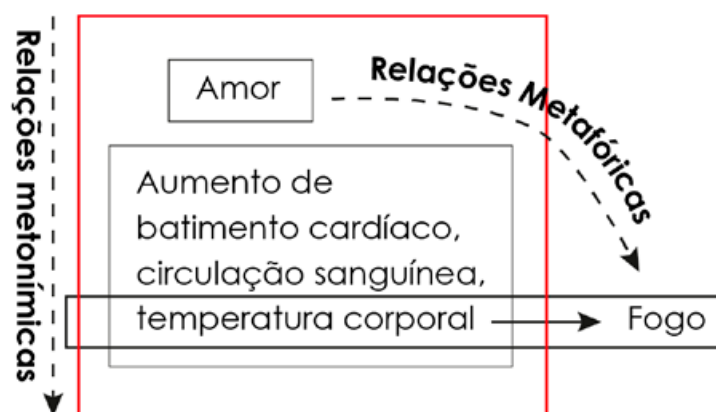
Sem dúvida que os processos metonímicos e metafóricos são os dotados de maior peso na estruturação das nossas conceitualizações linguístico-cognitivas. A longa tradição de aceitação da Retórica clássica sobre os mesmos, e as novas propostas teóricas cognitivas (como o conceito de *metaftonímia* já referido) assim o comprovam. Se atrás falámos destes dois processos encarando-os como autónomos, já o conceito de *metaftonímia* considera-os *co-operantes* (mais do que *cooperantes*). Na realidade, olhando para a série de valores/domínios que associamos a “vermelho”, e que explicam os resultados dos inquéritos, comprova-se que, entre alguns deles, os processos metafóricos e metonímicos aparecem como cooperando, sendo, por vezes, difícil saber onde começam uns e acabam outros.

Por exemplo, a relação VERMELHO-FOGO é compreensivelmente metonímica, como já indicámos. E a de FOGO com AMOR? A tradição retórica vê apenas metáfora. É sumamente demonstrativo o facto de um dos exemplos mais exaustivamente apresentados como o protótipo da metáfora ser o soneto camoniano *AMOR É FOGO* que arde sem se ver. No entanto, o rigor de tal perceção não resiste a uma análise relativamente simples.

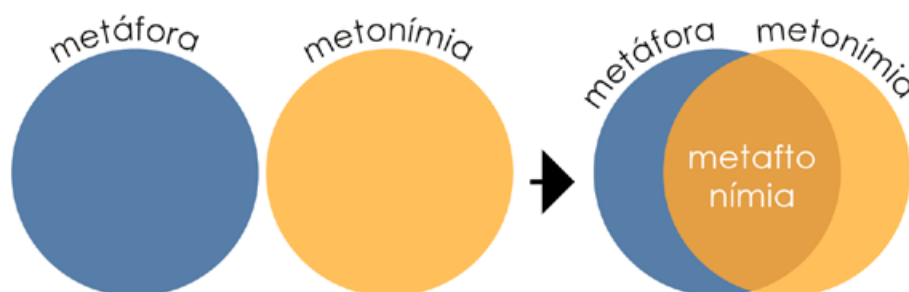
Na verdade, a ligação entre os sentimentos intensos, como o amor, e o aumento dos batimentos cardíacos e da circulação sanguínea (o que implica o aumento da temperatura corporal) são experiências que os humanos vivenciam. São, assim, claramente associações metonímicas. No entanto, para exprimir o grau mais elevado da metonímia da temperatura, podemos fazer uma associação com experiências de um outro domínio, o do FOGO, aceitando uma identificação cognitiva. Assim, AMOR > AUMENTO DE TEMPERATURA CORPORAL > FOGO veste-se de metáfora em *AMOR É FOGO* (Figura 2).

---

<sup>13</sup> Cf. Teixeira (2010, 2011).



**Figura 2.** Dimensões metonímicas e metafóricas em AMOR É FOGO



**Figura 3.** Interseção entre metáfora e metonímia

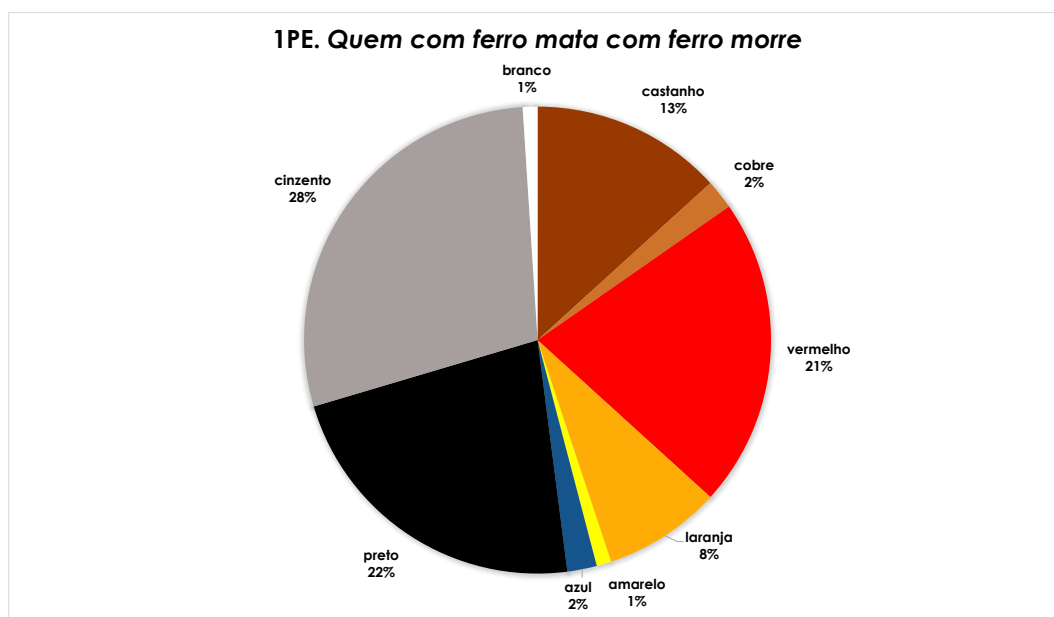
Uma visão dual destes dois fenómenos é substituída por uma outra que, não deixando de reconhecer diferença entre ambos, aceita que há, entre eles, frequentes zonas de interseção (Figura 3).

Os resultados obtidos pelos inquéritos, no entanto, implicam, para as redes dos *clusters* linguístico-cognitivos das cores, uma estruturação concetual/categorial que, só por si, metáforas e metonímias não conseguem explicar.

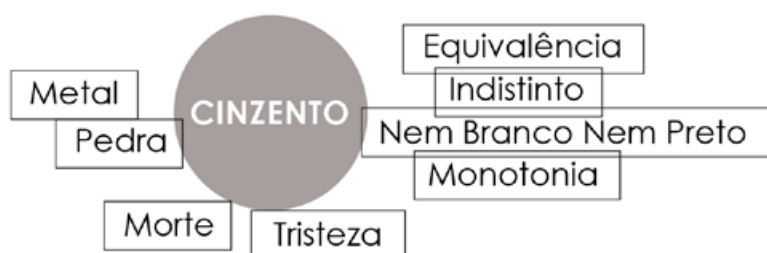
Analisemos alguns dados.

No provérbio 1, no PE<sup>14</sup>, *Quem com ferro mata com ferro morre* (Figura 4), as cores dominantes são o cinza (28%), o preto (22%), o vermelho (21%) e, em escala menor, o castanho (13%). O conceito de *morte*, que é central, explicará metonimicamente o preto, enquanto o cinza e o castanho se podem ligar a ferro/metalo (metonímia COR POR MATERIAL/ OBJETO).

<sup>14</sup> Exemplificamos aqui com exemplos de resultados apenas no PE por uma questão de concisão, já que os resultados do PB confirmam os do PE, como atrás indicámos. Inquéritos posteriores feitos em Angola e Timor corroboram maioritariamente os resultados do PE e do PB (cf. Teixeira, 2019b).



**Figura 4.** Resultados no PE do provérbio: *Quem com ferro mata com ferro morre.*

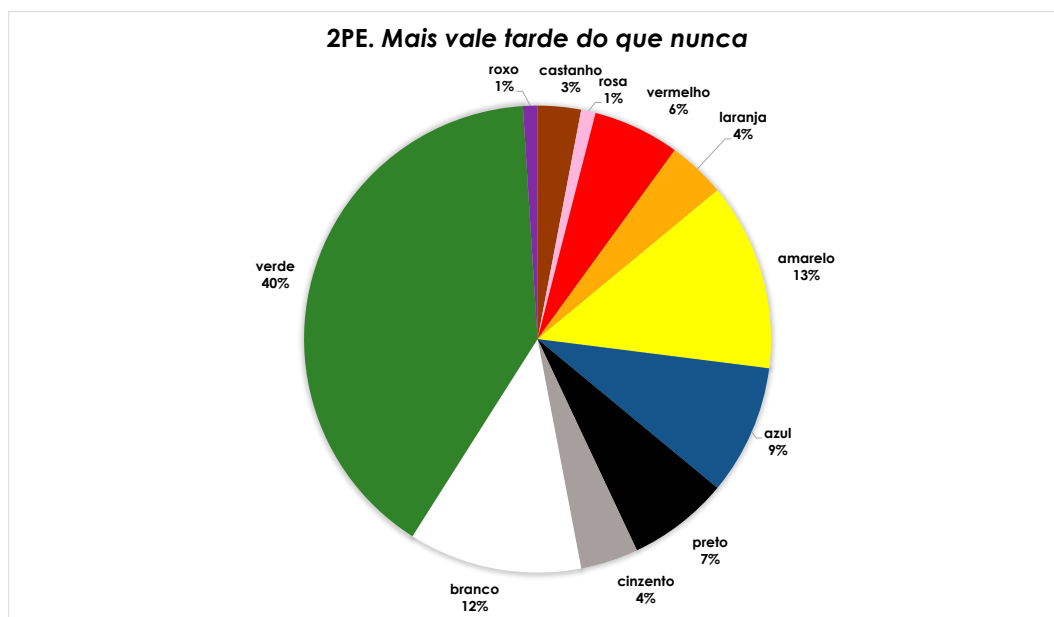


**Figura 5.** Cluster explicativo dos valores do cinzento no provérbio: *Quem com ferro mata com ferro morre*

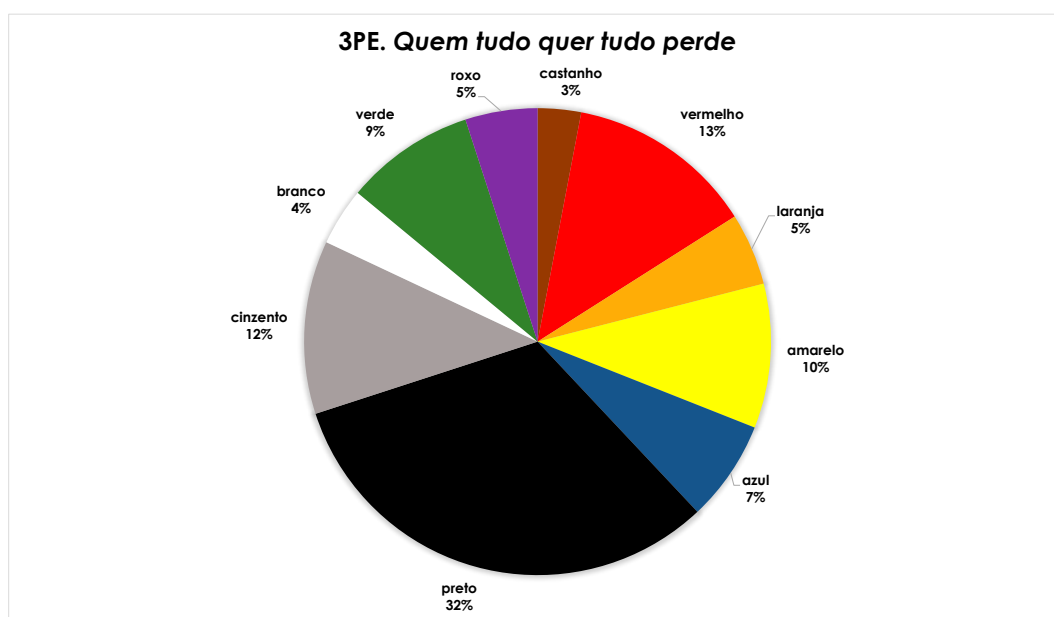
O peso do cinzento (que é a cor mais evocada) talvez não se esgote na associação a ferro e a metal. O seu acionamento parece-nos ser, em grande parte, sinestésico, talvez pelos valores [indistinção], [equivalência] que esta cor evoca e que também servem para explicar os valores de outros provérbios (Figura 5).

Na verdade, percebe-se o porquê de a rede conceitual acionada pelo cinzento sugerir determinados valores pela sequência preto-cinzento-branco: o cinzento, adquirindo o valor > [nem branco nem preto], é associado a [indistinção], [monotonia], [equivalência]<sup>15</sup>. O significado nuclear do provérbio é o de equivalência e indistinção: "matar com violência equivale a morrer com violência".

<sup>15</sup> Este traço semântico é facilmente verificável em expressões como "pessoa cinzenta" (=indiferente a tudo, sem opinião marcada).



**Figura 6.** Resultados no PE do provérbio: *Mais vale tarde do que nunca*



**Figura 7.** Resultados no PE do provérbio: *Quem tudo quer tudo perde*

O provérbio 2, do PE, *Mais vale tarde do que nunca*, apresenta uma paleta de cores bem diferente da do anterior (Figura 6).

Para explicar os valores evocados<sup>16</sup>, deve notar-se que estes indiciam vertentes contraditórias, como [certeza] e [esperança] vs [indecisão] e [esquecimento]. Na realidade, o provérbio implica uma significação

<sup>16</sup> Como já atrás referimos, a explicação das redes e dos valores dos 9 provérbios constantes nos inquéritos aparece em trabalho complementar deste (Cf. Teixeira, 2019a).

complexa; por um lado, [indecisão] e [esquecimento] (algo que é feito tarde implica que houve protelamento e adiamento de um processo); mas, por outro lado, também implica a certeza e a positividade, já que refere a parte positiva (a concretização de algo) de comportamentos negativos (adiamento e indecisão). É precisamente esta parte positiva que se constitui como sua essência, e daí o valor positivo de [esperança] que as cores mais presentes (verde, amarelo e branco) evocam.

A muito significativa presença do azul denota, quanto a nós, um valor nitidamente sinestésico, o valor de [racional], já que é difícil vislumbrar, nas palavras que o constituem, específicas relações referenciais a cores, metafórica ou metonimicamente. É a frieza da racionalidade, por oposição à emotividade, um dos seus valores centrais. A racionalidade de constatar a evidência de que é melhor chegar tarde do que nunca chegar.

Um outro exemplo, através de uma paleta de cores bem distinta, é o provérbio 3, do PE, *Quem tudo quer tudo perde* (Figura 7).

Parece-nos evidente que, aqui, as cores não aparecem por motivos de referencialidade cromática, que não provêm de associações imediatas com qualquer palavra específica, sendo evocadas, essencialmente, por sinestesia.

A cor preta (predominante), conjuntamente com a complementaridade da cor cinzenta, atinge quase 50%. Os valores da cor preta, recrutados aqui, são os de [perder] e [tristeza], (extensíveis até [morte]) e o cinzento reforça-os com os de [tristeza], [equivalência]/ [indistinção] (Figura 5). Na realidade, é precisamente o valor de equivalência o da semântica global do provérbio: querer tudo equivale a perder tudo.

Note-se, ainda, o vermelho como a segunda cor mais referida. O provérbio tem a sua semântica ligada a [ações de risco], [perigo], a [sedução] por [desafios], pelo [jogo] e por [ganhar], e todos estes valores acionam o vermelho (Figura 1).

#### **4. NÃO HAVENDO DOMÍNIOS DISCRETOS, NÃO HÁ FENÓMENOS DISCRETOS**

As relações entre valores abstratos, como [ações de risco], [desafios], [sedução], e a cor vermelha, e ainda outras associações, como [perder], [morte] para a cor preta (apenas exemplificadas com os 3



primeiros provérbios dos inqueritos<sup>17</sup>), são essencialmente construídas por implicações cognitivas do gênero das que, como atrás referimos, levam a maior parte dos falantes sinestetas (e não sinestetas) a associarem a letra A ao vermelho<sup>18</sup>.

São também associações entre traços comuns que permitem as sinestésias que a tradição das “figuras” da retórica há muito aceita como normais no processo semântico, como, por exemplo, o de referir uma cor como “leve” ou “pesada”: um vermelho mais escuro é um vermelho mais pesado, enquanto um mais claro é mais “leve” (o cor-de-rosa é um “vermelho leve, suave” e transporta esta dimensão no seu simbolismo).

A associação [escuro]>[intenso] baseia-se nas nossas correlações experienciais, usando a terminologia de Grady (1997); deste modo, quando temos uma pequena quantidade de uma substância de uma cor, normalmente essa substância apresenta-se com uma tonalidade pouco intensa, quase transparente (clara), mas, se acrescentarmos mais quantidade da mesma substância, a tonalidade da cor fica cada vez mais intensa (escura). Um pouco de sangue que fazemos deslizar entre os dedos tem um vermelho leve, enquanto o sangue acumulado numa ferida ou num objeto contendor tem um vermelho mais *forte*, *pesado*. O mesmo com qualquer líquido que não seja absolutamente transparente. Portanto, associamos [cor mais intensa] a [mais quantidade de substância] e, naturalmente, [mais quantidade] a [mais peso]. Assim, quanto mais escuro for o tom da cor, mais pesada ela será.

Este tipo de associação poderá ser visto como metonímico: duas propriedades do mesmo domínio (tonalidade de cor de X e quantidade de X) que se relacionam implicativamente. Mas também poderá ser entendida como metafórica, já que faz equivaler dois domínios diferentes: o da perceção visual (*mais escuro*) e o da perceção da gravidade (*mais pesado*). Assim, teremos a metáfora concetual MAIS ESCURO É MAIS PESADO. No entanto, porque esses dois domínios *diferenciados* são tidos como domínios *diferentes* de perceção, a tradição (na Retórica e na Psicologia) não vê nem metáfora nem metonímia, mas sim sinestesia. No entanto, todos têm razão: há implicação metonímica num determinado domínio experiencial; há equivalência metafórica entre dois domínios; e

---

<sup>17</sup> Para uma visão mais completa da sistematicidade das associações entre as cores e os valores semântico-cognitivos detetados, ver os trabalhos complementares deste texto já indicados, sobretudo Teixeira (2019a).

<sup>18</sup> Teixeira (s.d.).

sendo esses domínios de percepções sensoriais diferentes, pode dizer-se que existe uma equivalência sinestésica. Portanto, temos metonímia, metáfora e sinestesia funcionando complementar e implicativamente. Ora muitos dos valores das cores evocados pelos provérbios só se compreendem pelo funcionamento implicativo destes três processos cognitivos, que serão gradativos, contínuos e não discretos. Como o conceito de metaftonímia já pressupunha, metáfora e metonímia implicam-se frequentemente e, como aqui se procura demonstrar, as sinestésias baseiam-se igualmente em associações cognitivas de base metaftonímica. Na verdade, as associações que a mente estabelece entre os valores semântico-cognitivos podem ser de qualquer ordem e não assentam apenas em fenómenos rigidamente tripartidos (ou apenas metonímia ou apenas metáfora ou apenas sinestesia), que uma visão tradicional mais atomística defende.

Os recentes estudos sobre sinestesia caminham no sentido de abandonar a ideia da aleatoriedade do fenómeno, mas antes de o enquadrar nas percepções multimodais, vendo a cognição como poderosa integradora de múltiplas percepções experienciais em interação com a linguagem. Dixon (2006) e Nikolic (2009) referem, para tal, o conceito de *ideaesthesia*:

Dixon *et al.* sugerem que é necessário referir-se ao fenómeno da ideastesia, que ocorre quando a ativação de conceitos (indutores) evoca experiências semelhantes à percepção (concorrentes) (Dixon *et al.*, 2006). Em contraste com a sinestesia propriamente dita, que em essência é a fusão de sentidos, a ideastesia manifesta-se no plano de interação entre o indutor semântico e o concorrente sensorial ou emotivo (Smirnova, 2016, p. 127)<sup>19</sup>. (Tradução nossa)

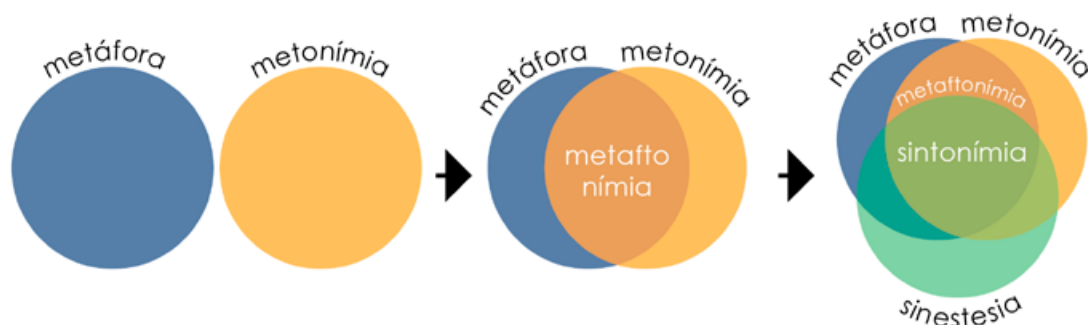
O conceito de *ideaesthesia* / "ideastesia" parece-nos não acrescentar nada de novo, apenas reconhecer um pressuposto de base da Semântica Cognitiva: que a ativação concetual evoca percepções decorrentes da experiência. Mas a sinestesia também evoca. Querer reservar o termo de sinestesia para a dita confluência, ou mistura de percepções

---

<sup>19</sup> Dixon *et al.* suggest that it is necessary to refer to the phenomenon of ideasthesia, which occurs when activation of concepts (inducers) evokes perception-like experiences (concurrents) (Dixon *et al.*, 2006). In contrast to synesthesia proper, which in essence is the conflation of senses, ideasthesia is manifested on the plane of interaction between the semantic inducer and sense-like or emotive concurrent. (Smirnova, 2016, p. 127)

(vista um pouco como anormal), não parece justificar-se, nem à luz da própria perspectiva que defende de que as sinestésias, aparentemente resultantes de cruzamentos perceptivos aleatórios, parecem ter outra explicação menos ligada ao acaso.

Assim, caso se considere que uma nomenclatura designativa é importante, parece-nos mais útil que ao termo de *metaftonímia*, sem dúvida de enorme pertinência e utilidade, se possa aliar um outro que refira a verificável associação entre valores que implicam múltiplas associações semântico-cognitivas, seja metonímia-metáfora-sinestesia (ou metaftonímia-sinestesia), seja metáfora-sinestesia ou seja ainda metonímia-sinestesia, no caso de ser possível e útil manter a base das distinções tradicionais. Dado que o prefixo *sin-* significa “junção”, poderíamos designar como *sintonímia* o funcionamento conjunto dos fenómenos semântico-cognitivos metonímia-metáfora-sinestesia, tradicionalmente vistos como independentes. A Figura 8 pretende representar a realidade desse funcionamento conjunto sintonímico como contraposto às visões autonomistas metáfora-metonímia, e complementar do conceito de metaftonímia.



**Figura 8.** Interseção entre metáfora, metonímia e sinestesia

## 5. VISÃO GLOBAL DA CONCRETIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO A PARTIR DOS DADOS

Embora neste texto não seja possível apresentar a totalidade dos dados obtidos nem todas as análises a eles pertinentes<sup>20</sup>, parece podermos concluir, com pouca margem para dúvidas, que não apenas o acionamento das cores no processo de construção semântica não é aleatório, mesmo nos casos da não referencialidade cromática direta, como também as razões justificativas desse acionamento se

<sup>20</sup> Podem ser encontrados em trabalhos complementares a este e atrás indicados (Cf. Teixeira, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b).

alicerçam nas múltiplas associações linguístico-cognitivas processadas. Ora, o cérebro e a mente não podem ser vistos como constituídos por “domínios” autónomos e discretos para os gramáticos, linguistas cognitivistas ou psicólogos poderem individualizar as metáforas das metonímias e das sinestésias. Nos processos de organização concetual, tudo está conectado em rede e, se bem que prototipicamente estes três mecanismos se possam metodologicamente diferenciar, a realidade é mais complexa e interdependente, como procuramos demonstrar e, por tal razão, propor o conceito de “sintonímia”.

Este conceito, na medida em que relaciona os valores semânticos com as nossas experiências corpóreas (individuais e sociais), vai ao encontro do de “significado corporizado” (Lakoff, 1995; Lakoff & Johnson, 1999), e a sistematicidade dos resultados parece comprovar que, nos nossos processos cognitivos de construção concetual e de categorização, somos mais sinestetas do que tradicionalmente se costuma pensar. Na verdade, parece que a mente procura, o mais possível, equivalências entre perceções dos mais diversos âmbitos, buscando associar as cores não apenas a objetos, mas igualmente a sentimentos, ideias e emoções.

A ser assim, talvez não se justifique, de uma forma tão rígida, a divisão tradicional entre mentes sinestetas (“anormais e com patologias”) e as outras ditas “normais” (Beeli *et al.*, 2007; Yokoyama *et al.*, 2014). Todas as mentes são, mais ou menos, sinestetas: procuram ligar e associar áreas com perceções sensoriais diversas. A diferença estará no grau de sinestesia, e não na existência, ou não, do processo. Associações invulgares (letra A e vermelho) serão sinestésias em maior grau, porque são menos evidentes as motivações que as suportam. As associações, como as verificáveis entre *morte* e as cores preta/branca, entre o vermelho e *amor*, entre a *indecisão* e a cor cinzenta baseiam-se em processos bastante idênticos, passando também pela metonímia e metáfora. A sinestesia poderá, assim, ser vista como uma das três faces de um todo cognitivo que envolve um processamento *sintonímico*, indispensável para se entenderem as associações aparentemente estranhas que as nossas mentes gostam de fazer, como quando verificamos que atribuem sistematicidade de cores ao sentido de frases como provérbios aparentemente “descoloridos”. É que a dimensão sinestésica (e não apenas simbólica) das cores parece nunca estar completamente, mas apenas parcialmente, adormecida. Se a célebre frase *colorless green*

*ideas sleep furiously* (Chomsky, 1957) foi feita para dar o exemplo do que se chamou de frases “ininterpretáveis”, talvez se lhe possa contrapor uma outra que muitos também pensarão ininterpretável, mas que as nossas mentes sinestéticas parecem aceitar: a de que, para a interpretação semântica, ideias cheias de cor dormem cognitivamente.

Witzel & Gegenfurtner (2018), citando estudos anteriores (Weiss, *et al.*, 2017; Witzel, van Alphen, *et al.*, 2016), sublinham a importância da categorização linguística para a percepção do vermelho, amarelo, verde e azul enquanto realidades autonomamente perceptivas. Dito de outra maneira, a nossa percepção das cores é influenciada pela organização do *cluster* perceptivo, no qual se coordenam valores cognitivos e linguísticos: “a constância de categorizar as cores típicas (focais) parece ser mais uma consequência da categorização do que uma característica da constância perceptiva da cor”. (Witzel & Gegenfurtner, 2018, p. 153)<sup>21</sup>. (Tradução nossa).

Ou seja, nos processos de categorização parece criar-se um *feedback* entre as categorias já construídas e as que estão em processo de construção, de tal modo que a construção de categorias linguísticas não é apenas o resultado dos processos de percepção, uma vez que as próprias categorias construídas influenciam esses mesmos processos perceptivos. Todos sabemos que a cognição influencia a categorização: os nomes das cores, dentro de uma língua, exemplificam os processos de categorização; o que não é tão referido é que a categorização pode influenciar a própria percepção. As categorizações (espelhadas no *color naming*) influenciam a forma como percebemos as cores, e, portanto, influenciam todo o processo, desde a organização concetual à categorial. De acordo com Witzel & Gegenfurtner (2018, p 162) “(...) as nossas observações também levantaram questões importantes sobre o papel da luminosidade, intensidade e nomenclatura das cores na medição de matizes únicos e a sua relação com a sensibilidade.” (Tradução nossa).

Em síntese: parece haver um constante *feedback* cognitivo entre os processos de percepção e de categorização linguística. A imensa e (no estado atual da ciência) desconhecida complexidade de como

---

<sup>21</sup> “(...) the constancy of categorizing typical colors seems to be a consequence of categorization rather than a feature of perceptual color constancy.” (Witzel & Gegenfurtner, 2018, p. 153)

isso acontece, além de nos maravilhar, parece indicar que a mente não faz fronteiras rígidas entre os variados processos de que se serve, e aos quais a tradição, por limitação, atribuía funcionamento autónomo, como, por exemplo, no domínio dos processos metafóricos, metonímicos e sinestésicos. O que parecem demonstrar as cores atribuídas aos provérbios é, pelo contrário, a profunda implicação entre os três processos e, por isso, a justificação de aceitarmos que nos processos semântico-cognitivos a mente não é, à vez, metonímica, metafórica e sinestética, mas frequentemente *sintonímica*.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Barcelona, A.** (Ed.). (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Mouton de Gruyter.

**Barnett, K., Feeney, J., Gormley, M., & Newell, F.** (2009). An exploratory study of linguistic colour associations across languages in multilingual synaesthetes. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 62 (7), 1343–1354. <https://doi.org/10.1080%2F17470210802483461>

**Beeli, G., Esslen, M., & Jäncke, L.** (2007). Frequency Correlates in Grapheme-Color Synaesthesia. *Association for Psychological Science*, 18 (9), 788-792.

**Brang, D., Rouw, R., Ramachandran, V., & Coulson, S.** (2011). Similarly shaped letters evoke similar colors in grapheme–color synesthesia. *Neuropsychologia*, 49 (5), 1355–1358. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2011.01.002>

**Chomsky, N.** (1957). *Syntactic structures*. The Hague, Mouton.

**Damasio, A.** (2010). *Self comes to mind: Constructing the conscious brain*. Pantheon.

**Dixon, M., Smilek, D., Duffy, P., Zanna, M., & Merikle, P.** (2006). The role of meaning in grapheme-colour synaesthesia. *Cortex*, 42, 243–252.

**Gibbs, Jr., & Raymond, W.** (2003). Embodied experience and linguistic meaning. *Brain and language*, 84, 1-15.

**Gibbs, Jr., Raymond, W., Lima, P., & Francozo, E.** (2004). Metaphor is grounded in embodied experience. *Journal of Pragmatics*, 36, 1189-1210.

- Goodhew, S., & Kidd, E.** (2017). Language use statistics and prototypical grapheme colours predict synaesthetes' and non-synaesthetes' word-colour associations. *Acta Psychologica*, 173, 73–86.
- Goossens, L.** (1990). Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, 1 (3), 323-342.
- Grady, J.** (1997). *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*. University of California. <https://escholarship.org/uc/item/3g9427m2>.
- Johnson, M.** (2012). *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. University of Chicago Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1980). *Metaphors We Live By*. The University of Chicago Press.
- Lakoff, G.** (1995). Embodied Minds and Meanings. Baumgartner, P., & Payr, S. (Eds.). *Speaking Minds – Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*. Princeton University Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M.** (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. Basic Books
- Nikolic, D.** (2009). Is synaesthesia actually ideaesthesia? An inquiry into the nature of the phenomenon. *Congress on Synaesthesia, Science & Art, Granada, Spain, April 26-29, 2009*.
- Rich, A., Bradshaw, & J., Mattingley, J.** (2005). A systematic, large-scale study of synaesthesia: Implications for the role of early experience in lexical-colour associations. *Cognition*, 98, 53–84.
- Rouw, R., Case, L., Gosavi, R., & Ramachandran, V.** (2014). Color associations for days and letters across different languages. *Frontiers in Psychology*, 5, 369. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00369>
- Silva, A.** (2006). *O Mundo dos Sentidos em Português – Polissemia, Semântica e Cognição*. Almedina.
- Simmons, W., Ramjee, V., Beauchamp, M., McRae, K., Martin, A., & Barsalou, L.** (2007). A common neural substrate for perceiving and knowing about color. *Neuropsychologia*, 45(12) 2802–2810. <https://dx.doi.org/10.1016%2Fj.neuropsychologia.2007.05.002>

- Simner, J., Ward, J., Lanz, M., Jansari, A., Noonan, K., Glover, L., & Oakley, D.** (2005). Non-random associations of graphemes to colours in synaesthetic and non-synaesthetic populations. *Cognitive Neuropsychology*, 22(8), 1069–1085. <https://doi.org/10.1080/02643290500200122>
- Simner, J., Glover, L., & Mowat, A.** (2006). Linguistic determinants of word colouring in grapheme-colour synaesthesia. *Cortex*, 42(2), 281–289.
- Smirnova, T.** (2016). Sound of a slogan: Appealing to audiences in the global market. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 236, 125–130.
- Teixeira, J.** (2010,). Texto jornalístico e metáforas de vida e morte no futebol. Silva, A., Martins, J., Magalhães, L., & Gonçalves, M. (Orgs). *Comunicação, Cognição e Media*, 2, 305-322. Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/1822/11258>
- Teixeira, J.** (2011). Futebol, inferno, jogo e guerra: As realizações linguísticas do jogo como metáfora nas capas dos jornais desportivos portugueses. *Diacrítica – Ciências da Linguagem*, 25 (1), 283-318. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/17804>
- Teixeira, J.** (2012). Metaftonímia, cognição e cinema: O caso de *Match Point* de Woody Allen. Macedo, A., Sousa, C., & Moura, V. (Orgs). *Estética, Cultura Material e Diálogos Intersemióticos – XIII COLÓQUIO DE OUTONO*, 165-184. Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/1822/20933>
- Teixeira, J.** (2013). A Bolsa e a vida: Sistemática e metaftonímia no discurso económico. Silva, A., Martins, J., Magalhães, L., & e Gonçalves, M. (Orgs). *Comunicação, Política e Económica – Dimensões Cognitivas e Discursivas*, 522-535. Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa de Braga. ISBN: 978-972-697-213-6. <http://hdl.handle.net/1822/27684>
- Teixeira, J.** (2018a). As cores dos provérbios: Significado linguístico e sinestesia. *Proceedings/Actas ICP17, 11º/11th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs. Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios*, 380-391. Associação Internacional de Paremiologia / International Association of Paremiology (AIP-IAP), 5-9 novembro, Tavira, Portugal.
- Teixeira, J.** (2018b). As cores no processamento do significado: Provérbios e sinestesia. *Revista Galega de Filoloxía*, 19, 131-149. <https://doi.org/10.17979/rgf.2018.19.0.4950>. <http://hdl.handle.net/1822/59148>



**Teixeira, J.** (2019a). Significado e cores de nove provérbios portugueses sem cor. Marques, M. A. & Rei, X. M. (Eds.). *Estudos atuais de linguística galego-portuguesa*, 263-292. Laiovento. <http://hdl.handle.net/1822/61026>

**Teixeira, J.** (2019b). As cores dos provérbios na língua portuguesa: de Portugal ao Brasil e de Angola a Timor". In *Studia Iberystyczne* 18 (2019), 537-561. <http://hdl.handle.net/1822/63156>

**Teixeira, J.** (s.d.). Categorização e concetualização: da metáfora/ metonímia e sinestesia à 'sintonímia'. (em fase de publicação como Almeida, A. D., *Categorização: Construindo Redes de Conhecimentos*, UFBA/UNEB-PNPD-CAPES).

**Ward, J.** (2006). Sound-color Synaesthesia: To what extent does it use cross-modal mechanisms common to us all?. *Cortex*, 42, 264-280.

**Weiss, D., Witzel, C., & Gegenfurtner, K.** (2017). Determinants of Colour Constancy and the Blue Bias. *i-Perception*, 8(6). <https://doi.org/10.1177/2041669517739635>

**Witzel, C., Alphen, C., Godau, C., & O'Regan, J.** (2016). Uncertainty of sensory signal explains variation of color constancy. *Journal of Vision*, 16(15). <https://doi.org/10.1167/16.15.8>

**Witzel, C., & Gegenfurtner, Karl.** (2018). Are red, yellow, green, and blue perceptual categories?. *Vision Research*, 151, 152-163.

**Yokoyama, T., Noguchi, Y., Koga, H., Tachibana, R., Saiki, J., Kakigi, R., & Kita, Sh.** (2014). Multiple neural mechanisms for coloring words in synesthesia. *NeuroImage*, 94, 360-371.